

Ano XXXVII - N.º 4

Revista Mensal

2,50 €

Abril 2021

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



ONDE
HÁ ESPERANÇA
HÁ VIDA

Sumário



Abril 2021 | N° 4 | Ano XXXVII

EDITORIAL

- 3** Enquanto há esperança,
há vida
Frei Severino

VOZ PARA VÓS

- 4** A vacina da fraternidade
Fabrizio Bordin

HOMEM E SOCIEDADE

- 6** Publicação obrigatória
7 Campanha solidária
Cabo Delgado Quer Paz
8 Ponto e contraponto
Uma casa
para a família Abraâmica
Idalino Simões
10 Traços de uma Presença
O desafio da encruzilhada
Juan Ambrosio
12 Pés na Terra
Um compasso de espera
Inês Espada Vieira
14 Memória e tradição
Santo António e a princesa
Pedro Teotónio Pereira

ESPECIAL

- 15** Diálogos com António - 5
O dom frágil da vida
Secundino Correia (Coord.)

IGREJA A CAMINHO

- 23** Espaço nova geração
Jovens... e *Christus Vivit*
Chiara Luce Badano
Luís Leal

24 Economia de Francisco

Acesso à energia
para escapar à pobreza
Diogo Bonvalot

26 Páscoa

Cantar Aleluia em pandemia
Manuel António Ribeiro

CULTURA

28 Artes e Letras

Livros
Rui Vasconcelos
Cinema
Pe. Manuel Monteiro Mendes

PÁGINAS ANTONIANAS

30 Nos Passos de António - 13

Um passeio no bosque
Fabio Scarsato

32 Devoção

Orações a Santo António

33 António hoje

A revolução do arado
Frei José Carlos Matias

34 Santo António

mestre da palavra
A flor da nossa ressurreição
Frei Valentim Strappazzon

CONTRACAPA

36 Fratelli Tutti

Os imigrantes são uma benção
Damasceno Monteiro
Juan Ambrosio

Diretor

Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto

Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador

Frei Domenico Celebrin

Redação

Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural
Mensagem de Santo António,
entidade sem fins lucrativos
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:

segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

Correio eletrónico

mensagem.assinantes@gmail.com

Preço da assinatura anual

Só digital:	15 €
Portugal:	22 €
Europa:	35 €
Fora da Europa:	50€ - \$75 (CAN)
Amigo:	50 €
Benemérito:	100 €

Preço avulso:	2,50 €
Números atrasados:	3,50 €

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159

SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612

Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>

Edição digital

<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:

2.600 exemplares



Capa: O Papa Francisco solta uma pomba branca, na praça perto das ruínas da Igreja Católica Siríaca da Imaculada Conceição (al-Tahira-l- Kubra), na cidade velha de Mosul, no norte do Iraque, a 7 de março de 2021. Foto EPA / Vatican Media.

Editorial: Papa Francisco em oração pelas vítimas da guerra na Praça da Igreja, Mosul, Iraque, 07 de março de 2021. Foto EPA/Alessandro di Meo.

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.

AGÊNCIAS ECCLESIA E LUSA (PORTUGAL)



Enquanto há esperança, há vida

Frei Severino Centomo

Recordo a surpresa que experimentei quando alguém me disse que o conhecido ditado: “Enquanto há vida, há esperança”, não estava correto. Porém, depois da explicação, fiquei de tal maneira convencido da observação que, quando alguém refere o ditado, apresso-me a corrigir: “Enquanto há esperança, há vida”!

A razão é simples: uma vida sem esperança não é vida, pois falta-lhe o “sonho”, o entusiasmo, a novidade, o estímulo para ir mais além; quer dizer, sem esperança, a vida morre! Pelo contrário, quando há esperança é como se uma luz iluminasse o caminho da vida, dando-lhe cor, sentido, beleza.

Quando, no mês passado, o Papa Francisco visitou o Iraque, deu-nos uma grande lição de esperança. Ele próprio afirmou que a sua viagem tinha o objetivo de animar a esperança dos cristãos daquela terra martirizada, para eles serem testemunhas de perdão, de misericórdia e de fraternidade, na terra que deu origem ao pai na fé das três grandes religiões monoteístas: hebraica, cristã e muçulmana: Abraão.

Na planície de Ur dos Caldeus, o Papa afirmou: “Deus é misericordioso, por isso, a ofensa mais blasfema é profanar o seu nome odiando o irmão. Hostilidade, extremismo e violência não nascem dum ânimo religioso: são traições à religião”.

E, em Mosul, antes de rezar pelas vítimas da guerra, o Papa Francisco afirmou: “Se Deus é o Deus da vida – e de facto o é –, não nos é lícito matar os irmãos em seu nome. Se Deus é o Deus da paz – e de facto o é –, não nos é lícito fazer guerra em seu nome. Se Deus é o Deus do amor – e de facto o é –, não nos é lícito odiar os irmãos”.

No fim da visita, na homilia da Missa celebrada em Erbil, o Santo Padre sentiu o dever de agradecer à Igreja do Iraque, porque “continua a espalhar a misericórdia e o perdão de Cristo especialmente junto dos mais necessitados...”. Por isso, “vim em peregrinação junto de vós, para vos agradecer e confirmar na fé e no testemunho. Hoje, posso ver e tocar com a mão que a Igreja no Iraque está viva, que Cristo vive e age neste seu povo santo e fiel”.

Podemos mesmo afirmar que a visita do Papa ao Iraque foi uma antecipação da festa da Páscoa. Com efeito, se Páscoa significa passagem da escravidão para a terra da liberdade, caminhada da morte para a vida, então a presença dos cristãos no Iraque é um sinal luminoso da fé no Ressuscitado, que continua a gerar vida e vidas novas.

É um exemplo, também, para nós, cristãos do ocidente que, face à situação atual da pandemia, corremos o risco de nos fecharmos em nós próprios, nos nossos medos e na nossa autossuficiência, perdendo de vista a “sabedoria da cruz”, ou seja, o percurso que Deus em Cristo nos indicou para chegarmos à vida verdadeira: “Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só, mas, se morrer, dará muito fruto” (Jo 12, 24).

Santa Páscoa, na alegria da Vida renovada! ■

A vacina da fraternidade

Frei Fabrizio Bordin

Encontro inter-religioso na Planície de Ur, Nassirya, Iraque, 6 de março de 2021. Foto EPA/Alessandro di Meo.

Há palavras que deveríamos emoldurar, como se faz com uma foto de família ou uma pintura de valor.

Entre as várias palavras pronunciadas pelo Papa Francisco nos dias da sua visita às terras martirizadas do Iraque, há uma que me marcou muito: ***A Fraternidade é mais forte do que o fratricídio.***

Ao longo de alguns dias, pouquíssimos infelizmente, desviávamos a nossa atenção da onipresente pandemia, tendo os média aberto uma janela sobre a peregrinação da esperança e da paz do Papa Francisco.

Foi uma paragem curta, mas única, para nos darmos conta de outros males, terríveis, que afligem o mundo e que deixam feridas tão profundas e abertas ao ódio e à vingança.

O cume desta viagem, foi sem dúvida o encontro com os

cristãos e os muçulmanos que sobreviveram à guerra e ao terrorismo do autoproclamado Estado Islâmico de 2014 a 2017. A estes o Papa falou do “vírus do desânimo” contra o qual o Senhor nos deu a “vacina da esperança” e do perdão.

Eu acrescentaria, também, a “vacina da fraternidade”, que este Papa anda a estudar desde o início do seu pontificado e que encontra nos documentos *Laudato Si'*, *A Fraternidade humana* e *Fratelli Tutti*, o melhor antídoto aos males do nosso tempo, lembrando-nos que o planeta é a nossa “casa comum”, que o mundo é “uma família de irmãos” e que a missão de todas as religiões é cuidar “da paz e da convivência comum”.

A viagem do Papa não foi uma loucura de aventureiro, mas a visita de um irmão aos seus irmãos mais frágeis, em linha com a sua primeira viagem a Lampedusa no início do seu pontificado.

Muito bem sintetizou tudo isso, Octávio Carmo, no editorial da *Agência Ecclesia*, no dia 7 de Março:

Francisco marcou, indelevelmente, o que deve ser um Papa. Disposto a oferecer a vida pelos seus, se for caso disso, ao encontro dos mais fracos, dos mais desprotegidos.

No final da tarde de um Domingo em cheio, cai mais uma mensagem no telemóvel: “Este Papa é uma máquina”. É o comentário de um paroquiano que partilha a foto de dois líderes, um branco e outro preto: o Papa Francisco, líder da Igreja Católica e o Grande Ayatollah Ali Al-Sistani, líder dos xiitas.

Foi bom, por um instante, abrir a janela e olhar a linha de um horizonte mais distante, até à terra de Abrão, lá onde três grandes religiões querem, no meio de tantos destroços, construir outro futuro. ■

ASSINA E DIVULGA O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO



Agora podes pagar com Multibanco

A Entidade e Referência que constam do talão podem ser utilizadas para fazer o pagamento de qualquer valor da assinatura ou donativo.

São sempre válidas e cada assinante tem uma referência única, que permite identificar o pagamento sem necessidade de enviar o comprovativo.

Em alternativa podes aceder ao nosso sítio na Internet. No menu Assinantes encontra-se um formulário para efetuar qualquer pagamento ou donativo através de Multibanco, MBWay, Payshop ou Paypal.

Podes continuar, também, a utilizar a transferência bancária.



1989-3760

Pago até: Maio 2021

Entidade: 21721 Referência: 069.3760.58



Preço da assinatura anual

Só Digital (PC, Telemóvel e Tablet)	15 €
Edição impressa Portugal:	22 €
Edição impressa Europa:	35 €
Edição fora da Europa:	50€ - \$75

NIB: 0010 0000 42510410001 59

IBAN: PT50 0010 0000 42510410001 59

SWIFT/BIC: BBPIPTPL

<https://santoantonio.live>

Em cumprimento das disposições legais em vigor (Lei nº 2/99, “Lei de Imprensa”, de 13 de janeiro), a Associação Cultural Mensageiro de Santo António, proprietária desta revista, publica a “Demonstração de Resultados”, referente ao exercício do ano de 2020, bem como o seu Estatuto Editorial, que se encontra também em <https://santoantonio.live/about/>.

Aproveitamos a ocasião para agradecer a todos os nossos leitores que pontualmente pagam a sua assinatura e, tantas vezes, mesmo no meio de dificuldades, encontram forma de enviar um pouco mais, ajudando assim aqueles a quem a revista chega gratuitamente, em África, nas prisões e a tantos idosos, quando a pensão não dá para tudo.

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS 2020

ASS.CUL.MENSAGEIRO STO.ANTONIO-505333937

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS POR NATUREZAS (Modelo Reduzido)

PERÍODO FINDO EM 31 de Dezembro de 2020

EUROS

RENDIMENTOS E GASTOS	NOTAS	DATAS	
		N	N-1
Vendas e serviços prestados		36.819.37	36.442.61
Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas		-16.887.33	-15.932.68
Fornecimentos e serviços externos		-22.734.78	-22.541.44
Gastos com o pessoal		-10.952.58	-10.576.62
Outros rendimentos e ganhos		11.451.94	9.985.74
Donativos - Diocese de Pemba - Moçambique		29.031.20	0.00
Outros gastos e perdas		-396.68	-766.37
Donativos - Diocese de Pemba - Moçambique		-28.000.00	0.00
Resultado antes de depreciação, gastos de financiamento e impostos		-1.668.86	-3.388.76
Gastos / reversões de depreciação e de amortização		-2.400.91	-2.500.14
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)		-4.069.77	-5.888.90
Juros e rendimentos similares obtidos		0.00	0.00
Juros e gastos similares suportados		0.00	0.00
Resultado antes de impostos		-4.069.77	-5.888.90
Imposto sobre o rendimento do período		-447.67	-575.78
Resultado líquido do período		-4.517.44	-6.464.68



**LER É SABER MAIS!
DE FORMA SEGURA
E SEM O VÍRUS DA DESINFORMAÇÃO.**



**JORNAIS E REVISTAS:
A MELHOR FORMA DE ESTAR EM DIA.**

O Mensageiro de Santo António associa-se à Iniciativa Selo de Segurança

AIC - Associação de Imprensa de Inspiração Cristã e API - Associação Portuguesa de Imprensa.

CABO DELGADO

QUER

PAZ



Campanha de solidariedade

Caritas Diocesana de Pemba - Moçambique



santoantonio.live

A campanha de solidariedade “Cabo Delgado quer paz” que a nossa revista promoveu, entre 15 de novembro de 2020 e 17 de janeiro de 2021, como conclusão do Jubileu 2020, em memória de Santo António e dos Santos Mártires de Marrocos, foi uma iniciativa que tocou o coração de tantas pessoas, de tal maneira que algumas continuam a fazer-nos chegar o seu donativo.

Naturalmente, a revista tem todo o gosto de continuar a ser o elo de ligação da solidariedade entre os benfeitores e a Cáritas Diocesana de Pemba. Por isso, se alguém quiser continuar a enviar o seu donativo, nós providenciaremos fazê-lo chegar ao seu destino.

A propósito da Diocese de Pemba, cumpre-nos informar que o nosso querido Bispo, D. Luiz Fernando Lisboa, que esteve na origem da nossa campanha de solidariedade, foi transferido, pelo Papa Francisco, para a Diocese de Cachoeiro de Itapemirim, no Brasil, de onde ele é natural. D. Luiz Fernando é membro da Congregação religiosa dos Passionistas e tinha sido enviado, como missionário, para Moçambique, em 2001. O Papa Francisco nomeou-o bispo de Pemba a 12 de junho de 2013. Nos últimos dez anos, o bispo destacou-se na defesa das populações da província de Cabo Delgado, alvo da violência de grupos de terroristas, motivados pelos mais variados interesses. A sua saída da Diocese de Pemba, embora motivada por problemas de saúde, deixa a suspeita de outras razões e, sobretudo, deixa uma grande saudade em muita gente, so-

bretudo os mais pobres, para os quais ele foi um pai e um defensor.

O próprio D. Luiz Fernando, contactado por nós, agradeceu a nossa ajuda e nos incentivou para continuar a campanha de solidariedade, indicando-nos a melhor forma para orientarmos a ajuda dos benfeitores.

Desta forma, atualizamos a informação sobre o total dos donativos recebidos e enviados para a diocese de Pemba:

1. Transferência a 3.dez.2020	- 10 000,00
2. Transferência a 15.dez.2020	- 10 000,00
3. Transferência a 7.jan.2021	- 10 000,00
4. Transferência a 29.jan.2021	- 6 600,00
5. Transferência a 19.fev.2021	- 2 000,00
6. TOTAL	- 38 600,00

De todos os donativos foram passados recibos e a lista anonimizada dos mesmos pode ser consultada em <https://santoantonio.live>. A *Associação Cultural Mensageiro de Santo António* assumiu os custos logísticos, financeiros e bancários da operação, pelo que o montante doado foi integralmente enviado para a diocese de Pemba.

A todos os doadores, o nosso bem hajam e a nossa oração. Continuamos a rezar pelos nossos irmãos martirizados de Cabo Delgado e a dar voz aos que não têm voz, pois o Senhor não esquece o grito do pobre.

A cada um de nós compete ser artesão da justiça e da caridade, que são os fundamentos da paz. ■



Uma Casa para a Família Abraâmica

Como arquiteto, quero criar um edifício que comece a dissolver a noção de diferença hierárquica – deve representar universalidade e totalidade – algo superior, que valorize a riqueza da vida humana.

David Adjaye, arquiteto

Foto <https://www.adjaye.com>

Idalino Simões

Com inauguração prevista para 2022, a Casa da Família Abraâmica será um conjunto de três edifícios: uma Igreja, uma Mesquita e uma Sinagoga. Com linhas arquitetônicas exteriormente iguais, serão interiormente diferentes de acordo com as características religiosas de cada grupo. Os três edifícios abrirão para um jardim central. Será um espaço inter-religioso para “espalhar a tolerância e a paz”.

Trata-se de um projeto que nasce na sequência do encontro histórico entre o Papa Francisco e Ahmed AL-Tayeb, grande Imã de Al-Azhar, onde foi assinado o *Documento sobre a Fraternidade Humana para a Paz e Coexistência Mundial*, também conhecido como *Declaração de Abu Dhabi* ou *Acordo de Abu Dhabi*.

Esse encontro foi gerador de iniciativas e propostas antes impensáveis. Estamos numa nova era das relações inter-religiosas. Desenharam-se caminhos nunca antes imaginados. Para que o documento não ficasse nos arquivos, foi criado um Comitê Supremo para a Fraternidade Humana para “traduzir as aspirações do documento em compromissos duradouros e

ações concretas para fomentar a fraternidade, a solidariedade, o respeito e a compreensão mútua”.

A 21 de dezembro de 2020, a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou, unanimemente, o dia 4 de fevereiro (aniversário da assinatura do documento) como Dia Internacional da Fraternidade Humana. A resolução convida os Estados-membros a celebrar este Dia para “promover o diálogo inter-religioso e intercultural”.

Sem uma relação fraternal entre estas três experiências não haverá paz. É uma convicção do Papa que tem procurado, sem hesitações, avançar, metodicamente, na abertura de pontes e caminhos de diálogo.

O projeto de uma *Casa para a Família Abraâmica* é em si mesmo uma promessa de futuro, “uma esperança inesperada”, um desafio de criatividade e de renovação. Há gestos surpreendentes que podem marcar uma nova forma de abordagem de um problema tão complexo como é a relação inter-religiosa.

O recente encontro com o Imã Ayatollah iraquiano Ali Al-Sistani, no Iraque, situa-se nessa linha de encontros fraternais. A promessa de novos encontros em Roma com a comunidade xiita são uma promessa de um novo futuro. A presença de Francisco em Ur traz à nossa memória coletiva a figura de Abraão como ponto de referência para as três grandes experiências religiosas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

Evocar Abraão, como pai dos crentes, é invocar o iniciador de uma experiência religiosa que não sacrifica o homem aos deuses, mas permite que o sonho ocupe um lugar fundamental no desenho do futuro. O sonho de Abraão vai-se repercutindo em sonhos proféticos ao longo da história

A utopia ganha crédito face à melancolia. O sonho faz parte do horizonte e pronunciamentos do Papa Francisco, sobretudo quando fala, depois do Sínodo da Amazônia, dirigindo-se a toda a Igreja:

Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida.

Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.

Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas.

Sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos.

E a 23 de novembro de 2020, escrevia:

Não fomos feitos para sonhar os feriados ou o fim de semana, mas para realizar os sonhos de Deus neste mundo. Ele tornou-nos capazes de sonhar, para abraçar a beleza da vida. Não tenham medo de sonhar coisas grandes.

Mas, adverte o Papa: “existe um sonho perigoso, o sonho da mediocridade.”

Nesta proximidade a São José, “o guardador dos sonhos de Deus”, lembramos o poema de Sebastião da Gama. ■



O sonho de São José, pintura de Anton Raphael Mengs, 1773, Museu de Arte de Viena, Wimedia Commons, Foto GalleriX.

*Pelo sonho é que vamos,
comovidos e mudos.*

*Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo sonho é que vamos.*

*Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e ao que é do dia a dia.*

*Chegamos? Não chegamos?
– Partimos. Vamos. Somos.*

Sebastião da Gama

O desafio da encruzilhada

Foto de Vladislav Babienko | Unsplash

Juan Ambrosio

O momento histórico que estamos a viver como humanidade e, também, como comunidades cristãs pode bem ser compreendido a partir da metáfora da encruzilhada. Com ela quero evocar aqui a necessidade de termos de tomar opções, decidindo porque caminho queremos ir.

De um modo ou de outro, todos temos a experiência de já ter chegado a encruzilhadas. Nelas sabemos como os caminhos se cruzam levando-nos em direções diversas.

Algumas já conhecemos e sabemos que não queremos ir por aí, outras parecem-nos suspeitas, mas verdadeiramente não sabemos aonde nos podem levar, por ventura algumas parecem simpáticas e até parecem estar a convidar-nos a que as possamos percorrer. Algumas parecem ir em sentidos diferentes, mas depois aproximam-se e até acabam por poder levar-nos para a mesma meta. Outras, parecendo ir no mesmo sentido, acabam por levar-nos para sítios bem diferentes. São tantas as direções, são tantas as possibilidades, que podemos correr o risco de permanecer demasiado tempo na dúvida e, quando tomamos a decisão, já vamos tarde, e o caminho, ao escurecer, torna-se ainda mais difícil.

A ENCruzILHADA É O TEMPO E O ESPAÇO DAS DECISÕES

Apesar das dúvidas e das incertezas, apesar dos anseios que daí decorrem, há, no entanto, algo que todos também sabemos: a encruzilhada não é a meta e se nela permanecermos, no fundo, acabamos por ficar num não lugar, num sítio e num tempo que não nos leva a lado nenhum.

A encruzilhada é, pois, um momento que teremos de experienciar, pois se não o fizermos não progrediremos no caminho, mas é simultaneamente um lugar, onde não podemos permanecer, pois ela não pode ser a nossa morada.

Neste sentido, o permanecer nela pode até ser mais perigoso do que optar por um caminho que mais tarde possa até revelar-se errado, pois, neste caso, teremos sempre a possibilidade de voltar a escolher outra direção, mesmo que isso implique voltar para trás, de modo a recomoçarmos de uma maneira mais certa. A encruzilhada é o tempo e o espaço das decisões.

Pois bem, é nela que nos encontramos neste momento. Como humanidade esta é verdadeiramente a hora de grandes decisões. Que direção escolher? Queremos criar um futuro de riqueza só para alguns, deixando uma parte cada vez maior da humanidade de fora? Vacinamos o mais depressa possível as populações dos países ricos e poderosos, de modo a regressarmos o mais depressa possível, também à dita normalidade a que estávamos habituados, aumentando ainda mais as desigualdades já existentes, ou estamos dispostos a ir um pouco mais devagar, para podermos, juntos, vencer a pandemia?

Ponhamos a questão com toda a crueza: queremos um mundo cada vez mais rico, mas mais excludente, ou arriscamos ter menos (aqueles que temos em demasia), para que todos possam ter mais? Pura utopia, dirão alguns, decisão civilizacional dizem outros, entre os quais me quero incluir.

QUE CAMINHO ESCOLHER?

Também para as comunidades cristãs este é um momento de decisões. Que caminho escolher?

O de uma certa segurança e de um certo conforto que as fecha sobre si mesmas, procurando evitar as tensões inerentes às dúvidas que surgem quando se caminha com outros que pensam diferente? O caminho de uma dita pureza que não dialoga muito, que tem dificuldades em construir o futuro em comum, porque teme, nesse exercício, perder a identidade?

Queremos fazer o caminho sozinhos ou arriscamos caminhar juntamente com os outros, que dão um nome diferente a Deus, que acreditam de outro modo, ou mesmo não acreditam, de modo a poder alargar as possibilidades de todos, porque cada um contribui com aquilo que de melhor tem, com a riqueza da sua fé e dos seus dons?

Estamos numa encruzilhada. As dúvidas e hesitações vão surgir. Aliás, elas já estão aí e já as sentimos das mais diversas maneiras. Mas porque as encruzilhadas nos obrigam a tomar decisões, elas podem ser, igualmente, oportunidades necessárias, que nos permitem reavaliar, reequacionar, repensar a direção do caminho.

Neste sentido não há que ter medo das encruzilhadas, elas podem até ser assumidas como momentos muito importantes do caminho. Nelas podemos e devemos fazer o exercício de voltar a olhar o mapa para vermos bem a meta para a qual queremos caminhar. Elas podem constituir uma oportunidade de fazer uma certa paragem para retemperar forças, para discernir, para esperar pelos que andam mais devagar, para reagrupar, para poder co-

locar as diversas competências e capacidades de cada um ao serviço de todos.

Necessárias sim, oportunas também, mas as encruzilhadas não são o sítio que a humanidade e as comunidades cristãs devam transformar em lar. É necessário optar, decidir, e seguir...

E no que às comunidades cristãs diz respeito, este tempo possivelmente é ainda mais oportuno, pois a celebração da ressurreição é constante interpelação e convite à renovação da vida, é constante interpelação a, nesta encruzilhada, ouarmos, sem medo, tomar as decisões a que o Ressuscitado nos convida. ■



Modelo do interior da Igreja, na Casa da Família Abrahâmica.
Foto <https://www.adjaye.com>



Um compasso de espera

Inês Espada Vieira

A memória é um atributo dos seres humanos que, através de complexos processos de seleção, organiza uma narrativa significativa sobre a identidade individual ou de um grupo. Embora diferentes, as memórias de um só indivíduo, as memórias familiares ou a memória coletiva de uma nação, por exemplo, têm modos de funcionamento semelhantes: a partir do passado, elas conferem um sentido ao presente.

Por isso, dito assim ou de outras formas, sabemos que “a memória é um assunto do presente”.

Esquecer e lembrar, silenciar ou fazer ressurgir, são verbos que demonstram que a memória é dinâmica, é movimento, construindo-se com contributos da História, mas também com histórias que são transmitidas geracionalmente até serem pouco a pouco substituídas por outras mais relevantes para cada momento.

Há uma História do Cristianismo, fruto da investigação e do estudo, disciplina que obedece, como outras, às exigências da ciência, que não é necessariamente património identitário de uma comunidade.

Há também, como o experienciam as comunidades cristãs há dois milénios, um sentido de pertença que nos aproxima de outros indivíduos menos pelos factos do passado e mais por um sentido atual de pertença. Sentir-se parte de uma narrativa vital que nos preenche e nos transcende, no espaço, no tempo e no sentido.

Este fazer parte relaciona-se também com o vivenciar dos mesmos acontecimentos.

Neste sentido, reconhecemos que a dimensão performativa dos rituais cristãos proporciona ao crente uma experiência também espiritual e corpórea da sua fé.

“Fazei isto em memória de mim”. O verbo usado por Jesus na Última Ceia – *fazer* – conjugado no modo imperativo exige uma ação, não só um *ser* cristão, mas um *agir* como cristão (não falo aqui, é evidente, das ações resultantes do *envio* apostólico). É através do pôr em cena ritualizado que, em cada Eucaristia, os fiéis recordam e revivem (voltando a viver e a tornar vivos) *aquele* momento e aquela Presença, fazendo-se assim partícipes *deste* presente.

Falta ainda referir a dimensão evocativa e mnésica de cada palavra, cada gesto, cada objeto. Diante de nós, connosco, a encenação litúrgica lembra o evento original que, por sua vez, dá sentido a essa narrativa, num exercício dialógico entre a memória e o presente. Cada representação da Última Ceia (e de outros acontecimentos da vida de Cristo) faz parte da

anamnese milenar que os cristãos trazem de outro tempo para dar sentido a Cristo hoje e à existência de hoje.

Também as procissões religiosas são encenações de forte carga dramática. Aproveito aqui a polissemia da palavra, pensando por um lado na teatralidade da procissão e ao mesmo tempo na representação do sofrimento que existe, por exemplo, nas procissões dos passos, de novo suspensas nesta Páscoa de 2021.

Num mundo que é todo ele performance e espetáculo, dramatização e ritual, que lugar ocupam os rituais litúrgicos? Que lugar ocupam as procissões e os compassos pascais ausentes mais um ano? Esta ausência é real ou é apenas um silêncio contingente que rapidamente será interrompido pelos ruídos

compassados dos sapatos nas estradas, pela memória que os indivíduos e as comunidades têm desses andores pesados e lentos? Alguém esquece o encontro do Cristo ajoelhado e de Maria dolorosa?

Quem esteve na Jerusalém de cada terra deste País, quem fez já este caminho reto, quem o viveu na intimidade e ao mesmo tempo acompanhado pelos irmãos, aqueles que escutaram o silêncio dos penitentes e se admiraram com a solenidade “dos anjinhos” de várias gerações, sabem – porque o vivem – que este ano é mesmo só uma pausa, um compasso... de espera.

E a espera também o sabemos – porque o vivemos – é palavra de esperança.

É a Páscoa do Senhor. Aleluia!



Procissão dos Passos, Celeirós, Braga. Foto Fernando André Silva, 2018

Santo António e a princesa



Óleo sobre tela, Escola portuguesa, século XVII. MLSA.PIN.0046
Em exposição no Museu de Lisboa – Santo António

O milagre “Santo António e a princesa” faz parte do cancioneiro português, referenciado também na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, manuscrito do século XV, publicado em Coimbra, em 1918.

É um relato que vem demonstrar a proteção de Santo António aos seus compatriotas, ideia que atravessa séculos da devoção em terras portuguesas.

A descrição surge com algumas variantes, mas narra a ressurreição da Infanta D. Aldonsa de Leão e Castela por intercessão de Santo António, que interveém a pedido da Rainha Santa Teresa, filha mais velha do rei D. Sancho I de Portugal, e esposa de D. Afonso IX de Leão.

A infanta, de 11 anos, tinha morrido e a sua mãe, inconsolável e contra a vontade dos cavaleiros e do rei, deteve-a durante três dias, suplicando a Santo António, que era da sua terra, que lhe restituísse a filha. E, ao fim desse tempo, a filha levantou-se do leito da morte.

Pedro Teotónio Pereira
Museu de Lisboa
Santo António

Mas a história não acaba aqui: a infanta vem zangada e repreende a sua mãe, dizendo que estava feliz entre as virgens do céu, mas que por ela ter rogado tanto a Santo António, este havia intercedido junto de Deus, tornando-a à vida. No entanto, ficaria entre os vivos apenas quinze dias, findos os quais deveria deixá-la ir em paz.

*Assim o prometo, filha,
Podes para Deus voltar;
Ora por mim, tu que és anjo,
E que no céu tens altar.*

E o romance termina com o espanto de toda a corte por não ver a mãe chorar diante da criança morta.

Mais tarde, em 1657, Jorge Cardoso apresenta no *Agiologio Lusitano* outra versão deste milagre: a infanta ressuscita, queixosa pela insistência de sua mãe ao poderoso Santo António, que a fez tornar às misérias da vida. Recolhe-se num convento onde viverá mais quarenta e quatro anos para “glória de Deus e honra de Santo António”. ■



Diálogos com António 2020

5



O dom frágil da vida

Coordenação: Secundino Correia

O dom frágil da vida



Este tema foi agendado muito antes da COVID-19 nos confrontar com a fragilidade da vida e nos questionar acerca das opções políticas, sociais e económicas que nos têm conduzido a uma cada vez maior desigualdade, colocando a nu a vulnerabilidade de todos, mas sobretudo dos mais frágeis.

Neste tempo de pós pandemia, seguindo o exemplo de Santo António, o amigo dos pobres e dos desprotegidos, a solidariedade que vai ser exigida a cada um de nós vai ser muito mais exigente e convoca-nos para novos desafios no domínio da saúde, da ética e da economia.

Neste *Diálogos com António 2020*, os convidados foram Margarida Neto, Carlos Costa Gomes e Pe. Nuno Santos. Ana Sofia Carvalho moderou e Frei Severino Centomo foi o anfitrião.

Inicialmente previsto para decorrer no mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, no dia 3 de maio de 2020, foi adiado para 20 de junho no formato de videoconferência.

Neste Especial, recuperamos a temática, agora com os contributos do Pe. Nuno Santos, Carlos Costa Gomes e Fernando J Regateiro.

O Diálogo integral original continua disponível em <https://santoantonio.live/2020/06/dialogos-com-antonio-2020-o-dom-fragil-da-vida/> e em <https://youtu.be/aM0ajeB1xNo>.

QUANDO A MORTE NOS ABRE À VIDA PLENA

Pe. Nuno Santos



Nuno Santos – Padre da diocese de Coimbra e reitor do Seminário. Diretor do Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações e Assistente do Secretariado da Pastoral da Família. Assistente convidado da Universidade Católica do Porto. Membro da Comissão de Ética dos CHUC.

O seu maior desafio na vida é unir – no dizer e no agir – o divino ao humano e o humano ao divino.

Toca o telemóvel, o coração acelera, esperam-se notícias, sabe-se que a vida está por um fio... ouve-se ‘O António acabou de morrer’! O António chama-se também Joana, Francisco, Maria, Luísa, João, Carolina, André, Lourenço, Isabel, Pedro... É pai, mãe, irmão, marido, esposa... e filho!

A morte dos que mais amamos ‘atira-nos’ ao chão e impõe o silêncio das perguntas sem resposta. A morte é sempre inesperada, mesmo quando sabemos que está próxima. No fundo, parece que chega quase sempre adiantada e sem pedir licença.

A morte de alguém que tratamos pelo nome fala-nos da fragilidade da vida e, por isso mesmo, paradoxalmente, fala-nos do privilégio que é estarmos vivos. A vida é um dom e um mistério que precisamos de aprender a agradecer e a partilhar.

Ver partir é repensar-se como existir. Quem sou eu e qual o sentido da minha existência? Sou um pedaço de história, entre sorrisos e lágrimas, entre ganhos e perdas, entre amor e desamor, entre certezas e interrogações, entre medos e coragem, entre rotinas e projetos. Somos apenas um pouco de tempo e um pedaço de terra.

Mas talvez a morte nos abra a outras perguntas ‘para quem sou eu’? O que estou a construir nesta oportunidade que me é dada? Que poema escrevo, que música componho, que horizonte contemplo...? Que esperança semeio?

Só há uma maneira de se ‘adentrar’ na morte: ‘descalços’ – como Moisés no episódio da sarça ardente ao descalçar as sandálias porque o terreno era sagrado (cf. Ex 3, 5). Este terreno é sempre sagrado – afinal é de vidas que estamos a falar.

Custa tanto ver partir quem mais amamos. Custa tanto dizer um último adeus. Esta dor torna-se ainda mais dolorosa quando não temos tempo para nos despedirmos, quando não podemos abraçar e tocar, quando não podemos celebrar a despedida.



Foto MANUEL DE ALMEIDA/LUSA, 2021

A pandemia ‘rouba-nos’ vidas sem avisar, mas rouba-nos também a proximidade física que estes momentos exigem. Tudo é feito a correr, em pouco tempo, com poucas pessoas, sem proximidade e, muitas vezes, sem o alimento de uma eucaristia.

Parece que nada há capaz de preencher o vazio deixado pela pessoa que tanto amamos e que agora vemos partir. Uma dor profunda penetra o nosso coração até ao mais íntimo. Estamos destrozados. Ao mesmo tempo, há um sentimento, não menos profundo, que nos diz que não é possível que tudo tenha acabado. Não é possível que aqueles que mais amamos simplesmente desapareçam.

A vida não pode terminar com o último suspiro, nem o cemitério pode ser a nossa última morada. O fim da vida não pode ser simplesmente a morte. Há um desejo de vida plena no nosso coração que não conseguimos ‘calar’. Há ‘qualquer coisa’ que reclama continuidade e sentido...

Os crentes dão-lhe um nome e arriscam uma possibilidade. Para um cristão o fim da vida é o encontro com Deus, com a vida plena, onde “seremos semelhantes a Ele, porque O veremos tal como Ele é” (1 Jo, 3, 2).

Este encontro com Deus Trindade é o encontro com o Amor que Deus é (1Jo 4,8.16). Daí que

possamos pensar na morte como “a passagem deste mundo para o Pai” (Jo 13,1), como “partir e estar com Cristo” definitivamente (Fil 1, 23), na comunhão com o Espírito Santo.

Daí que cada momento da nossa vida é já antecipação da nossa morte. Por isso, podemos concluir que “a única maneira de morrer bem é viver bem” (Danneels). Viver bem é ‘ensaiar’ e treinar a vida plena, a comunhão, o entusiasmo, a alegria... o encontro.

É este dinamismo existencial que sublinha claramente o morrer, não como o fim da vida, mas como o próprio modo de viver a vida. Desde o dia em que nascemos que nos aproximamos do dia da nossa morte. Essa consciência não nos deve assustar, mas alertar para o dom frágil que a vida é.

Na hora da morte queremos juntar à dor, a esperança da vida plena. Queremos celebrar a passagem desta ‘tenda terrestre’ à ‘habitação eterna’... “O instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo – o antes e o depois – já não existem” (Spe Salvi, 12).

Assim, em cada partida de um ente querido, uma parte de nós cumpre-se e alcança a eternidade, até que um dia chega o que falta de nós num abraço profundo. Como o Filho Pródigo no seu regresso à casa do Pai (Lc 15,11ss). ■



Carlos Costa Gomes – Doutor em Bioética e Licenciado em Teologia. Docente e investigador do Instituto de Bioética na Universidade Católica Portuguesa (IB-UCP). Coordenador da Revista Portuguesa de Bioética.

Presidente da Direção Nacional do Centro de Estudos de Bioética.

EUTANÁSIA EM TEMPO DE COVID 19

Carlos Costa Gomes

I - A INJUSTIÇA SOCIAL PERANTE OS MAIS FRAGILIZADOS E VULNERÁVEIS PELA DOENÇA

1. A sociedade desdobrou-se, e muito bem, em cuidados para tratar e cuidar as pessoas doentes com o COVID-19. O mundo quase paralisou e todos nós ficamos confinados na nossa autonomia e liberdade pessoal que foi condicionada em favor do bem social. Todos compreendemos porque o importante é o cuidar, tratar e curar, quando possível, as pessoas infetadas. O valor e a dignidade da vida humana foram reconhecidos como pilares éticos da sociedade.

2. Porém, quando ainda se luta contra esta pandemia; quando muitas pessoas doentes ainda lutam pela sua sobrevivência; quando ainda muitas famílias perderam os seus entes queridos: pais, filhos, avós e amigos choram a morte de pessoas queridas que nem sequer puderam despedir-se, a Assembleia da República prepara-se, já neste mês, para retomar o tema da eutanásia.

3. Tenho certa dificuldade em falar da morte dos outros e admiro-me da facilidade com que alguns outros o fazem, desenvoltamente, porque a morte de quem falam, não é da sua, seja uma morte com dignidade, talvez nunca se terem preocupado com a vida de pessoas que tenham

vivido sem ela, no que diz respeito ao acesso a cuidados básicos de saúde.

4. Esta pandemia está longe de terminar e não sabemos o que pode acontecer. Legislar agora ou em qualquer outra altura, favoravelmente uma lei que prevê a despenalização da eutanásia, sem que estejam disponibilizados os cuidados de saúde para todos é, no mínimo, um desinvestimento na saúde pública; um desinvestimento médico para as pessoas com doenças incuráveis, mas não incuráveis, como o é COVID-19 para muitas pessoas. Se a eutanásia vier a ser despenalizada, como desejam e querem alguns parlamentares, configura um caminho perigoso e facilitador – também para doentes com o COVID19 – e que cria uma injustiça social que fere eticamente a dignidade das pessoas (tão defendida com COVID-19) principalmente os mais fragilizados e vulneráveis pela doença. Não quero um SNS que tenha ordem para matar...

II - DEFENDER A MORTE INTENCIONAL POR EUTANÁSIA COM O ARGUMENTO DE ALIVIAR A DOR E O SOFRIMENTO É ETICAMENTE REPROVÁVEL, PROFISSIONALMENTE INACEITÁVEL

5. Como podemos acreditar no Serviço Nacional de Saúde quando a ordem para matar esteja despenalizada ou legalizada. Defender a morte intencional por eutanásia e praticada pelo médico (ou enfermeiro) que no exercício da sua profissão tem por missão curar, tratar e cuidar, sempre, da pessoa doente que ao médico se confia, ao seu enfermeiro, com o argumento de aliviar a dor e o sofrimento é eticamente reprovável, profissionalmente inaceitável, na medida em que a morte provocada por eutanásia nem alivia o sofrimento nem anula a dor, porque mata a pessoa e, por isso, mata também a possibilidade da pessoa ser cuidada e dos profissionais de saúde dela cuidar...

6. A ciência médica avança nos seus conhecimentos e nos seus saberes para ser colocada ao serviço da pessoa e nunca esta ao serviço da ciência. Do mesmo modo, os imperativos técnicos e as terapias possíveis de serem aplicadas devem estar sempre subordinadas ao bem da pessoa que dela necessita. O interesse da sociedade e da ciência não está acima do direito de cada pessoa.

7. As normas jurídicas têm como base fundamental a eticidade social (moral social, pessoal, vivida) e a igualdade de todos os seres humanos. O direito à vida e à saúde é um direito universal. Todas as pessoas têm perante a ciência médica o mesmo grau de dignidade; a sua diminuição em qualquer domínio (intelectual, mental, social, espiritual e moral) não os desqualifica, pelo contrário, dada a sua vulnerabilidade, mas obriga à sua proteção. Com o reforço na inovação de tecnologia de diagnóstico e de terapêutica destinadas a curar, tratar e cuidar das pessoas que delas necessitam, a todas deve ser dado o acesso sem discriminação.

8. Sendo a saúde um bem social de ordem superior na hierarquia das prioridades sociais, o progresso económico é um meio necessário para a realização dos objetivos de políticas de saúde, mas não pode nunca sobrepor-se como objetivo autónomo à prossecução dos objetivos sociais e, em particular, da saúde. Neste sentido, a eutanásia, do ponto de vista económico, aponta para retrocesso no desenvolvimento dessas políticas e representa uma negação prática da universalidade do direito aos cuidados de saúde, uma vez que as difidências administrativas, económicas e a limitação do acesso no campo da saúde, são uma violação do respeito pelo direito aos cuidados de saúde de cada pessoa em particular.

9. Para os profissionais católicos “não estamos perante matéria de importância secundária que dispense uma qualquer forma de manifestação da vontade popular”, mas sim “perante uma questão de relevante alcance civilizacional”, porque “está em jogo a quebra de um princípio básico e verdadeiro alicerce da nossa civilização e da nossa ordem jurídica: a proibição de matar, a inviolabilidade da vida humana”, que consta da Constituição. ■

A MEDICINA, A SAÚDE E A VIDA, EM TEMPO DE PANDEMIA COVID 19

Fernando J Regateiro

A medicina é uma ciência, uma arte e uma *praxis* destinadas a prevenir, diagnosticar, tratar, definir prognóstico ou proporcionar cuidados paliativos, por motivo de doença ou acidente. Para a Organização Mundial de Saúde, em definição datada de 1948, a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade.

O termo pandemia diz respeito à disseminação de surto de uma doença através de países e continentes. É à luz destes conceitos e da pandemia de COVID-19, uma doença provocada por infeção pelo vírus SARS-CoV-2, que desenvolvo esta reflexão.

Uma parte das pessoas infetadas pelo SARS-CoV-2 não desenvolve sintomas. Nos casos que cursam com sintomas, as manifestações mais frequentes são a febre, a tosse, o cansaço, a dispneia ligeira, o corrimento nasal, a dor de cabeça, a conjuntivite, as náuseas, os vômitos e a diarreia. Em alguns doentes as manifestações são graves ou muito graves, podendo evoluir para a morte.

A cada cidadão cumpre o dever de se assumir como agente de saúde pública, protegendo-se e protegendo o seu próximo. São formas comuns de proteção contra a transmissão da infeção, entre outras, a distância física entre as pessoas, a etiqueta respiratória, o uso de máscara, a lavagem das mãos, o uso de soluções desinfetantes.



Foto Joshua Irwandi/World Press Photo 2021



Fernando J Regateiro é professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Presidiu à administração dos Hospitais da Universidade de Coimbra e à Administração Regional de Saúde do Centro.

É autor do *Manual de Genética Médica* e co-autor de mais de uma quinzena de livros, tendo publicado centenas de artigos científicos.

Foi membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida e, durante vários anos, colaborador assíduo do *Mensageiro de Santo António*.

Permitam-me recuar umas dezenas de anos, até Joshua Lederberg, Prémio Nobel em Fisiologia ou Medicina, em 1958, para quem “a maior ameaça ao domínio contínuo do homem no planeta é o vírus”.

Porque surge uma pandemia, por vírus emergentes? São várias as razões: a rápida e intensa circulação de pessoas infetadas e de agentes infetantes proporcionada pelo transporte aéreo internacional, a pressão demográfica resultante do aumento das áreas agrícolas e da concentração industrial e dos serviços, a criação de *habitats* humanos saturados de pessoas, os modestos investimentos feitos na

manutenção da saúde e na prevenção e controlo das doenças, as profundas alterações climáticas e dos equilíbrios ecológicos por intervenção e ganância humanas, o contacto próximo das pessoas com animais e a importação de animais para fora dos seus *habitats* naturais, em condições que permitem que os vírus passem a barreira de espécie e atinjam o homem.

Às instituições de saúde e, nomeadamente aos hospitais, cumpre preparar antecipadamente a resposta e tratar as situações de COVID-19 com prontidão, competência e serenidade. A função de presidente do maior centro hospitalar do

País (Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra), em que estava durante a primeira vaga da pandemia, tornou, ainda mais clara para mim, a enorme valia: de um comando centralizado forte mas desmultiplicado pelas hierarquias intermédias e operacionais, para assegurar maior agilidade, rapidez e efetividade; da criação de uma cadeia de comando específica baseada na governação clínica; de um irrepreensível sentido de dever cívico e de pertença dos profissionais, a par de uma disponibilidade sem limites; da cultura de segurança e proteção dos profissionais de saúde; de um planeamento da resposta robusto e feito em antecipação; da adequação prévia, às exigências da COVID-19, de infraestruturas, circuitos de doentes e profissionais, espaços de internamento e urgência e resposta laboratorial; da prontidão e eficácia com que se combatem surtos internos; e, obviamente, da necessidade de continuar a assegurar a resposta a doentes não-COVID que exijam tratamento inadiável.



A experiência recolhida também evidenciou vantagens e aprofundou certezas decorrentes: de mais autonomia gestonária; da entrega de medicamentos a doentes crônicos de ambulatório hospitalar, em farmácia de proximidade, evitando a sua deslocação regular ao hospital; das consultas em regime não presencial, sempre que não haja prejuízo para o doente; da disseminação da telemedicina para suporte de consultas não presenciais, visualização de exames e análises, ou monitorização de doentes crônicos; da realização, na proximidade da residência dos doentes, de exames ou análises prescritos por médicos hospitalares; do reconhecimento e valorização do médico de família, como “gestor” da saúde e dos episódios de doença dos seus utentes; do acesso aos cuidados hospitalares por referênciação; da integração dos cuidados de saúde.

A VIDA, COMO A CONHECIAMOS ANTES DA PANDEMIA DE COVID-19, MUDOU

Globalmente, a humanidade vai ter de viver com as consequências duras da pandemia, a nível individual e da sociedade. Onde vivíamos iludidos com as certezas de que o amanhã só poderia ser melhor do que hoje, instalou-se, com rudeza, a incerteza, com a qual temos de aprender ou reaprender a viver. O homem, como ser aprendente, terá de exercitar e concretizar as aprendizagens decorrentes desta pandemia.

Hoje, é mais forte a necessidade de cada cidadão identificar as suas razões de esperança e de as partilhar com o outro. Hoje, os afetos e o relacionamento com familiares e amigos contam ainda mais. E também conta mais a necessidade moral de fazer escolhas entre o que é essencial e o que é supérfluo.

E ressalta a necessidade de uma reorganização social, da econo-

mia e da política, em bases diferentes, e uma evolução emergente dos vetores que confluem no eixo da roda do poder e no seu exercício.

A pandemia relevou, ainda com mais veemência: o valor da cooperação, em vez do trabalho isolado – “quem quer chegar depressa corre sozinho, quem quer chegar longe, corre acompanhado”; da presença das lideranças no terreno, lado a lado com os profissionais, onde as coisas acontecem; de um decidir e agir sustentados em visão clara e determinação, sólidos saber e experiência, mas também bom senso e pragmatismo; de decisões centradas no melhor interesse do doente; da certeza sobre a finitude dos recursos; do valor dos espaços, do tempo, das pessoas e da vida.

A pandemia reavivou e fortaleceu o sentido profundo da vida como o valor nuclear humano mais básico e universal, só por si! ■



Pintura de rua do artista brasileiro Eduardo Kobra, 2021

Chiara “Luce” Badano morreu com apenas 19 anos e o seu exemplo de fé e de coragem impressiona ainda hoje muitos jovens de todo o mundo.

Nascida na aldeia de Sassello, Savona, Itália, foi a filha muito desejada do casal Ruggero Badano, camionista, e Maria Teresa Caviglia, operária. Desde cedo que Chiara se revelou inteligente e comunicativa, mas de personalidade forte. Certo dia, a mãe pede-lhe que lave a louça. “Não, não quero!” – responde ela. E vai para o quarto. Logo depois volta e diz: “Como é aquela história do Evangelho, dos dois operários que devem ir à vinha e um diz que sim, mas não vai, e o outro diz que não, mas vai? Mamã, dê-me o avental”. E lava a louça.

Os pais deram-lhe uma formação cristã, assente na vivência familiar da fé e na comunidade paroquial. Aos 9 anos, Chiara participa no “Congresso gen3” do Movimento dos Focolares e o ideal da unidade “encaixa” perfeitamente na sua forma de viver, sempre conciliadora. O Evangelho, que lia regularmente, passou a ser algo a ser vivido no dia-a-dia, pois Chiara percebeu que, mais do que “falar” de Jesus, o importante era “entregar-se” a Ele. O seu diário testemunha bem esse seu propósito: “Uma amiga está com sarampo e todos têm medo de visitá-la. Com o consentimento dos meus pais, vou fazer com ela os deveres de casa para que não se sinta sozinha”.

Amante do desporto (gostava de patinar, nadar e jogar ténis), Chiara aprofunda, ao mesmo tempo, o seu espírito de serviço aos demais.

No final do verão de 1988, uma forte dor no ombro, sentida durante uma partida de ténis, foi o alerta para que algo de muito grave se passava. O diagnóstico era fatídico: osteossarcoma, um tumor ósseo maligno, à data incurável. Começam as terapias, mas não se veem melhoras; sempre que lhe caía um pedaço de cabelo devido à quimioterapia, em vez de chorar, dizia: “É por ti, Jesus. Se tu queres eu também quero!”.

Quando ficou acamada continuou a ajudar os seus amigos. Ao completar 18 anos, juntou todo o dinheiro que tinha e entregou-o ao amigo Gianfranco Piccardo, que partia em direção ao Benim, numa missão de construção de poços de água potável: “Eu não preciso deste dinheiro. Eu tenho tudo”.

Quando entrou para os Focolares, Chiara começou a corresponder-se com Chiara Lubich, fundadora do Movimento. Respondendo a uma dessas cartas em que a jovem relata o seu sofrimento, Lubich tenta animá-la: “Pensei num nome para ti: Chiara Luce [Clara Luz]; gostas? É a luz do ideal que vence o mundo. Eu to envio com todo o meu amor”.

Quando a jovem pressentiu que a morte estava a chegar, disse à mãe que era a hora de se preparar para o seu “casamento”. E assim fez: como qualquer noiva, escolheu os cânticos, o vesti-

Chiara Luce Badano. Foto oficial, <http://www.chiarabadano.org>



Jovens... e os santos da *Christus Vivit* 12. Chiara Badano

Luís Leal

do e o penteado: “Não derramem lágrimas por mim. Eu vou para Jesus. No meu funeral não quero pessoas que chorem, mas que cantem forte”.

Na manhã do domingo, 7 de outubro de 1990, Chiara despede-se, dizendo à mãe: “Adeus: sê feliz, porque eu estou!” Antes havia dito: “Os jovens são o futuro. Eu não posso mais correr, mas quero passar a tocha para eles, como nas olimpíadas. Os jovens têm uma única vida e vale a pena usá-la bem!”.

Beatificada, em Roma, a 25 de setembro de 2010, pelo Papa Bento XVI, continua a ser uma “clara luz” a brilhar para os jovens de hoje. ■

Acesso à energia para escapar à pobreza



Avó e netos em casa, arredores de Oaxaca, México, 2011. Foto: Reuters / Jorge Luis Plata | CC BY-SA 4.0, in <https://www.weforum.org>.

*Diogo Bonvalot
Controller & Commercial Manager
na Ratisbona IBERIA*

Será possível criar um futuro no qual a energia não seja fonte de divisão ou poluição e que inclua as comunidades mais vulneráveis? O caminho é complexo, mas não impossível.

Um dos 12 temas que integram a urgência de uma “nova economia” que o Papa Francisco quis discutir com jovens de todo o mundo está relacionado com o binómio “Energia & Pobreza”. Da denominada pobreza energética – definida pela União Europeia como uma situação em que um agregado familiar ou um indivíduo não possui recursos para aceder aos serviços básicos de energia – à transição para energias alternativas que sejam limpas e renováveis, sem esquecer a responsabilidade social, não só das empresas, como dos cidadãos, são várias as questões que obrigam à reflexão e cujas respostas encerram uma enorme complexidade. Mas, e apesar de o caminho a trilhar ser longo, o desafio tem de ser aceite

Divididos em várias *aldeias*, coube a cada grupo preparar e apresentar os temas que integram a “Economia de Francisco”, sendo que o meu ficou com a responsabilidade de abordar a temática “Energia & Pobreza”.

Em conjunto, estas duas palavras suscitaram mais questões do que à partida poderíamos esperar. O nosso paradigma económico assenta no “crescimento infinito”, do qual resulta um aumento constante de necessidades energéticas e dos custos inerentes à sua produção. Desta forma, será possível criar um futuro no qual a energia não seja fonte de divisão ou poluição e que inclua as comunidades mais vulneráveis?

A exploração energética segundo o paradigma atual apresenta várias lacunas. A produção de energias fósseis, que ainda representam uma larga maioria do consumo, é comprovadamente prejudicial ao ambiente e põe em causa não só a saúde do nosso planeta, a nossa casa comum, como a subsistência das gerações futuras. Contudo, o custo acrescido de novas soluções de produção e de armazenamento de energias limpas,

bem como a falta de estímulos à mudança, tornam-se grandes entraves à adopção de um modelo energético mais sustentável e justo para todos.

Esta falta de justiça evidencia-se de várias formas: por um lado, os países mais dotados de recursos energéticos naturais, em especial os fósseis, e por a sua extração e tratamento serem mais baratos, têm um processo de crescimento económico comparativamente mais fácil, quer seja pela acrescida dotação energética das suas indústrias, quer pela simples transação de recursos energéticos, largamente procurados a nível mundial. Por outro lado, a injustiça não é apenas uma questão geográfica e de dotação natural, mas também intergeracional. A exploração destes recursos tem efeitos nefastos para o ambiente, comprometendo a qualidade de vida e saúde das gerações futuras, bem como o desenvolvimento económico dos países de baixos rendimentos, muito dependentes da disponibilidade energética e que poderão não ter os recursos necessários ao seu progresso.

Podemos abordar este tema em três vértices de um mesmo triângulo: Pobreza Energética, Transição Energética e Responsabilidade Social.

A pobreza energética assume-se como o mais premente dos três. Um número significativo de famílias sofrem de significativas carências energéticas, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento, menos dotados de infra-estruturas. A falta de luz eléctrica é, provavelmente, a mais problemática, na medida em que, por exemplo, dificulta o estudo ou o trabalho quando deixa de haver luz solar. Para colmatar esta falta, as famílias acabam muitas vezes por recorrer à combustão de biomassa, o que não só representa um enorme custo no seu orçamento, como poderá ter repercussões negativas na saúde humana. E mesmo nos países desenvolvidos, ainda que com expressões diferentes, este é um problema ainda muito presente. A incapacidade das famílias em aquecer ou arrefecer convenientemente as suas casas resulta não só num constrangimento ao seu bem-estar, como apresenta repercussões na saúde a longo prazo, podendo, em casos extremos, ser mesmo fatal.

Em segundo lugar, a transição energética é possivelmente o desafio mais complexo a enfrentar. Como podemos passar de um modelo de exploração económica alicerçado e muito depen-

dente de matérias fósseis para energias alternativas que sejam limpas e renováveis? Sendo evidente que a segunda opção será menos perniciosa para o ambiente, o que não é tão evidente é de que forma é possível fazer-se esta transição para métodos de exploração menos aprimorados, financeiramente menos eficientes e com elevados custos de transição. Para qualquer conhecedor da encíclica *Laudato Si'*, a resposta deverá ser bastante imediata. O amor ao próximo, ao que herdará a nossa “casa comum”, deve superar qualquer custo de transição, financeiro ou de outra ordem. Porém, esta visão não agrada nem aos decisores de muitos governos, nem às grandes empresas energéticas.

Por fim, a responsabilidade social que toca a todos de uma forma muito direta. Felizmente é cada vez mais generalizada a consciência de que as empresas, especialmente as do sector da energia, têm a capacidade de transformar o atual paradigma com novas soluções e modelos de negócio, chegando a mais pessoas através de tarifas mais acessíveis ou disponibilizando infra-estruturas em zonas mais carenciadas. As soluções estão longe de estar esgotadas.

Feito este levantamento, ergue-se o grande desafio – tentar dar respostas a tão importantes perguntas. Com a dupla consciência de que a energia é absolutamente necessária ao desenvolvimento, mas que o seu consumo não pode aumentar infinitamente, partimos do seguinte mote: *do Compromisso Verde ao Compromisso Social Verde*. O trabalho já desenvolvido pela *aldeia* internacional “Energia & Pobreza” inspira-nos com projetos admiráveis e com respostas prementes e atuais às questões da pobreza energética. É importante ainda sublinhar que os países desenvolvidos têm um papel preponderante na resposta a estas necessidades.

Há ainda um longo e complexo caminho a percorrer. Muitas perguntas se levantaram e são muito poucas as respostas definitivas. Mas, apesar destas dificuldades, foi possível chegar a um consenso: por muito difícil que seja este tema, por muito injusto que seja o modelo atual e por muito trabalho que esteja por fazer, não temos que esperar por ninguém. Seja em grandes projetos ou em pequenas ações no nosso quotidiano, com as nossas famílias e amigos, a responsabilidade de cuidar da casa comum é de todos. E podemos começar já hoje. ■



Cantar Aleluia em pandemia

Manuel António Ribeiro

Noli me tangere - Capella dei Scrovegni - Pádua 2016. Foto: José Luiz Bernardes Ribeiro | Wikimedia Commons.

Celebramos este ano a Páscoa, após um ano que virou as nossas vidas do avesso. A Covid 19 vem mostrar como são enganadores estes impulsos narcísicos cegamente sobredimensionados. Como nos lembra a encíclica *Fratelli Tutti*, esta tempestade “desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças” (nº32).

Estávamos a viver de uma ilusão associada a padrões de consu-

mo nunca experimentado pelas gerações passadas, esquecendo que esse enganoso conforto ia pondo em causa valores fundamentais, como os da sã convivência social, da solidariedade e do respeito pela Natureza.

A competitividade desenfreada e o inebriamento da euforia do lucro a qualquer preço sacrificam a fraternidade e a própria sustentabilidade do nosso planeta. Temos vindo a estragar a bondade do mundo que nos foi confiado, fazendo com que ele não corresponda ao projeto do Criador, que é promessa de vida, festivamente celebrada nesta Páscoa.

Atingidos pelo isolamento e pela incerteza, somos domina-

dos pelo medo. As presentes inquietações são de tal ordem, que podemos perguntar-nos se a alegria anunciada na Páscoa não passa de uma ilusão ou de uma fuga à realidade.

Diante do horror insuportável das consequências da pandemia, é difícil acreditar que Deus recusa a legitimação do sofrimento e da morte.

Todavia, depois de o início da Quaresma nos ter lembrado que não somos senão poeira e cinza, agora a Páscoa anuncia-nos que esta cinza pode tornar-se braseiro a incendiar os nossos corações.

A torrente de vida de Cristo ressuscitado vem banhar a nossa sede de uma alegria profunda, perfeita e durável, capaz de dar sentido e sabor à existência, e isso só pode ser garantido não por um amor frágil, como é todo o amor humano, mas pela incandescência de um amor divino.

Precisamos muito desta fonte de confiança serena, quando os nossos passos se tornam titubeantes e o nosso coração se torna pesado. Como sublinhou o Papa no segundo domingo da Quaresma, “o Senhor ressuscitou e não permite que as trevas tenham a última palavra”.

A VIDA NÃO ESTÁ CONFINADA ÀS FRONTEIRAS DA MORTE

Nas provações, a estabilidade da nossa confiança vacila, mas a luz que brilhou naquela ditosa madrugada estimula a deixar-nos deslumbrar pela mesma experiência pascal que fez Maria Madalena correr de junto do túmulo vazio para dar a boa notícia aos discípulos desalentados.

Foi ela a primeira missionária, a “apóstola dos apóstolos”, a anunciar que a nossa vida não está confinada às fronteiras da morte.

Escreveu recentemente o cardeal Tolentino Mendonça que a pandemia, ao mesmo tempo que devolve a consciência do limite, “impõe a refletir criticamente” sobre formas atuais de habitar o mundo e estimula-nos a “sondar novos modos” de o habitar.

É o que o Papa Francisco vem pedindo insistentemente, ao propor uma “cultura de misericórdia” que combata a indiferença e a desconfiança entre seres humanos.

Tornou-se difícil encarar o futuro com esta confiança serena, assim como não é fácil ver na luz pascal a fonte da nossa transfiguração. Confinados às paredes das nossas casas, assemelhamo-nos aos discípulos que estavam fechados no cenáculo, dominados pelo medo, mas foi a esses mesmos medro-

so que Cristo apareceu ressuscitado e isso mudou completamente as suas vidas.

Na já referida alocução, o Papa Francisco comparou a fé a uma luz que “ilumina em profundidade o mistério da vida”, convidando os cristãos a “acender pequenas luzes no coração das pessoas, ser pequenas lâmpadas do Evangelho que trazem um pouco de amor e esperança”.

Esperemos que o brilho da manhã de Páscoa possa derramar fragmentos de luz divina sobre as nossas obscuridades, para que os nossos olhares sombrios se deixem transfigurar por essa incandescência, como aconteceu aos dois caminantes de Emaús.

A nuvem negra da terrível pandemia que tem semeado tantas mortes e tanto sofrimento, leva-nos a celebrar este ano a Páscoa com uma alegria mais contida. É uma alegria que se funde com o escuro da dor, mas não será uma alegria que se esfuma em fogo-de-artifício. ■



Os apóstolos João e Pedro, alertados pela apóstola Maria Madalena, correm ao sepulcro e encontram-no vazio. Pintura de Eugene Burnand, 1898. Foto de Erich Lessing.

Livros

Rui Pedro Vasconcelos

A BÍBLIA DO PRINCÍPIO AO FIM

Pode comparar-se a leitura da Bíblia à lenta aprendizagem de uma língua estrangeira. Existem, para ajudar nessa aprendizagem, dicionários e gramáticas que ajudam o aprendiz a conhecer e manobrar melhor uma língua; do mesmo modo, um guia de introdução à Bíblia acompanha o crente na leitura dos textos bíblicos, munido com as ferramentas da própria experiência de vida e de fé.

A Bíblia do princípio ao fim, do biblista espanhol Alberto de Mingo, constitui uma excelente proposta de aprofundamento das chaves e conhecimentos que enriquecem a leitura da Bíblia. Ao longo de 24 capítulos que seguem a ordem dos diversos escritos bíblicos, o Autor apresenta numa linguagem acessível uma síntese de toda a imensa investigação que teve lugar no último século sobre os textos bíblicos, desde a história à arqueologia, da linguística ao estudo comparado das religiões. O que resulta deste trabalho de síntese é um guia que permitirá ao leitor conhecer melhor a cultura antiga na qual o Antigo Testamento nasceu, a história de Israel, a beleza dos textos proféticos e sapienciais, a passagem para o Novo Testamento com a vida de Jesus e das primeiras comunidades cristãs. Mais do que transmitir informações, o Autor senta-se ao nosso lado e conta-nos uma história. Cada capítulo conclui com sugestões de leituras bíblicas, transportando o leitor para o contacto direto com as Escrituras. Este Guia é um precioso auxílio para quem não quiser deixar de beber da fonte de sabedoria e sentido que é a Bíblia.



Autor
Alberto de Mingo
Edição
Paulus
Páginas
633

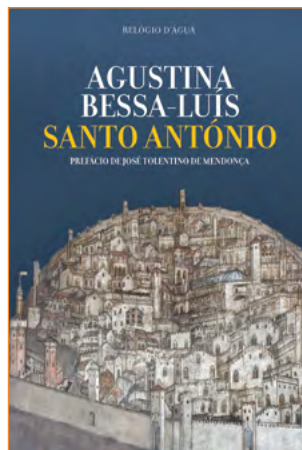
SANTO ANTÓNIO

O encontro é estimulante e fecundo: uma das mais significativas escritoras portuguesas do século XX com uma personagem maior da Idade Média cristã. O resultado não é uma biografia com desejo de neutralidade nem uma vida de santo focada nos exemplos das virtudes morais. *Santo António* apresenta antes uma lenta e longa meditação sobre uma figura e um tempo históricos, romance sem ser ficção, reflexão sem ser tratado. Uma leitura da aventura de ser humano.

Agustina alia a sua capacidade única de contar os processos e caminhos da existência humana com um conhecimento invejável da tradição espiritual e teológica cristãs. O contacto permanente com os sermões e as lendas de Santo António une-se à visita contemplativa dos locais por onde passou em Itália, o confronto com os autores que terá lido (de Agostinho a Dionísio o Areopagita, da Bíblia a Orígenes) e a mundividência dos medos e desejos do ser humano medieval, expressos nos relatos de milagres e na devoção ao Santo. Desta aventura literária brota uma expressão singular do que é a experiência cristã, feita na liberdade e originalidade que só uma pertença pessoal permite. António recebe aqui um louvor maior: o do trabalho da própria língua portuguesa, que recebe o seu património espiritual, o interroga, o lê sem preconceitos e falsos panegíricos e o situa no mais denso terreno humano, onde o próprio Deus encarnou.

A sua palavra, auxiliada por uma energia que decerto não chegava a ter definição na consciência das pessoas, possuía a força de tocar os pecadores a ponto já não só de abandonar o caminho do erro mas de se desinteressarem dele.

Porque quase nunca a conversão é prodígio da alma, mas sim mudança de rumo do afeto (...) António era a experiência que faz com que se considere Deus como um ser pessoal. ■



Autor
Agustina Bessa-Luís
Edição
Relógio d'Água
Páginas
200



Dos Homens e dos Deuses,
Xavier Beauvois,
Drama, M/12, França, 2020.

SEQUÊNCIA DA PÁSCOA:
UMA DAS MAIS BELAS HISTÓRIAS DO MUNDO

Pe. Manuel Monteiro Mendes

Este é o título de um brevíssimo texto de Marguerite Yourcenar, incluído na coletânea *O Tempo Esse Grande Escultor*. Começa assim:

Deixo por momentos ao menos as cerimônias e os ritos da mais santa das semanas cristãs e tento extrair dos textos sagrados que se lêem mas nem sempre se ouvem, na igreja, as partes que nos impressionariam se as encontrássemos em Dostoiévski ou Tolstói, ou em qualquer biografia ou reportagem de um grande homem ou de uma grande vítima. Em suma, o desenrolar de uma das mais belas histórias do mundo.

Porque estamos em tempo de Páscoa e porque temos ainda viva diante dos olhos a profética peregrinação do papa Francisco ao Iraque, resolvi escrever sobre um filme profundamente pascal e atual: *Dos Homens e dos Deuses*.

1. O filme, realizado por Xavier Beauvois, parte da história verídica do martírio de sete monges trapistas da Ordem Cisterciense da Estrita Observância, sequestrados e mortos, no Mosteiro de Tibhirine, na Argélia, em 1996. Deu também origem a um livro, prefaciado pelo papa Francisco, que recolhe testemunhos sobre os frutos da mensagem de paz e de convivência entre o cristianismo e o islão postos em prática pelos monges.

2. Em 27 de Janeiro de 2018, o papa Francisco reconheceu o martírio desses monges.

Vinte anos após a sua morte, somos convidados a ser sinais de simplicidade e de misericórdia, no exercício quotidiano do dom de si, a exemplo de Cristo. Não haverá outro modo de combater o mal que tece a sua teia no nosso mundo.

Continua a ser, como pudemos ver na ‘teimosia’ do papa em manter a sua ‘arriscada’ ida ao Iraque, uma necessidade maior deste mundo trazer ao de cima e à luz os pequeninos sinais de fraternidade e a alegria que essa comunhão é capaz de gerar.

3. O filme é uma magnífica história de amor, pela entrega daqueles monges a Deus na sua vida regrada e simples, nos seus trabalhos e contacto com a natureza, na sua liturgia, nas suas tensões e procura da luz que os guie nos caminhos. Lembro-me bem daquela vela sempre acesa, no meio da mesa e das discussões, como quem sabe que há Alguém capaz de nos levar a ultrapassar os inevitáveis conflitos. Para eles, o mais difícil foi tomar a decisão de ficar ou partir daquele Mosteiro de portas sempre abertas para os monges saírem e os vizinhos entrarem, numa convivência natural e tecida de harmonia. Como devia ser.

4. Neste olhar pascal sobressai a ‘última ceia’, acompanhada pela música pungente do Lago dos Cisnes, de Tchaikovsky, densa e demorada em cada rosto, anunciadora do que aconteceria depois: o ataque ao Mosteiro e o assassinato dos sete monges. Aqueles monges, cada um com as suas dúvidas e lutas interiores, viveram na carne aquela entrega que tantas vezes celebraram na mesa da Eucaristia.

5. “Uma das mais belas histórias do mundo termina com os reflexos de uma Presença, bastante semelhante a nuvens que o Sol já posto ainda ilumina”, escreve ainda Yourcenar. ■

Um passeio no bosque

Fabio Scarsato

Ilustração: Luca Salvagno

De António e Francisco aprendemos que a criação é uma metáfora da recomposição, da reunificação e da fraternidade. Contemplemos mais uma etapa da viagem de António para Pádua, passando pela região da *Basilicata* (Sul da Itália).

Vamos sair com Santo António e dar um passeio pela criação. O nosso GPS só pode ser de cariz franciscano, porque assim foi também o GPS de António.

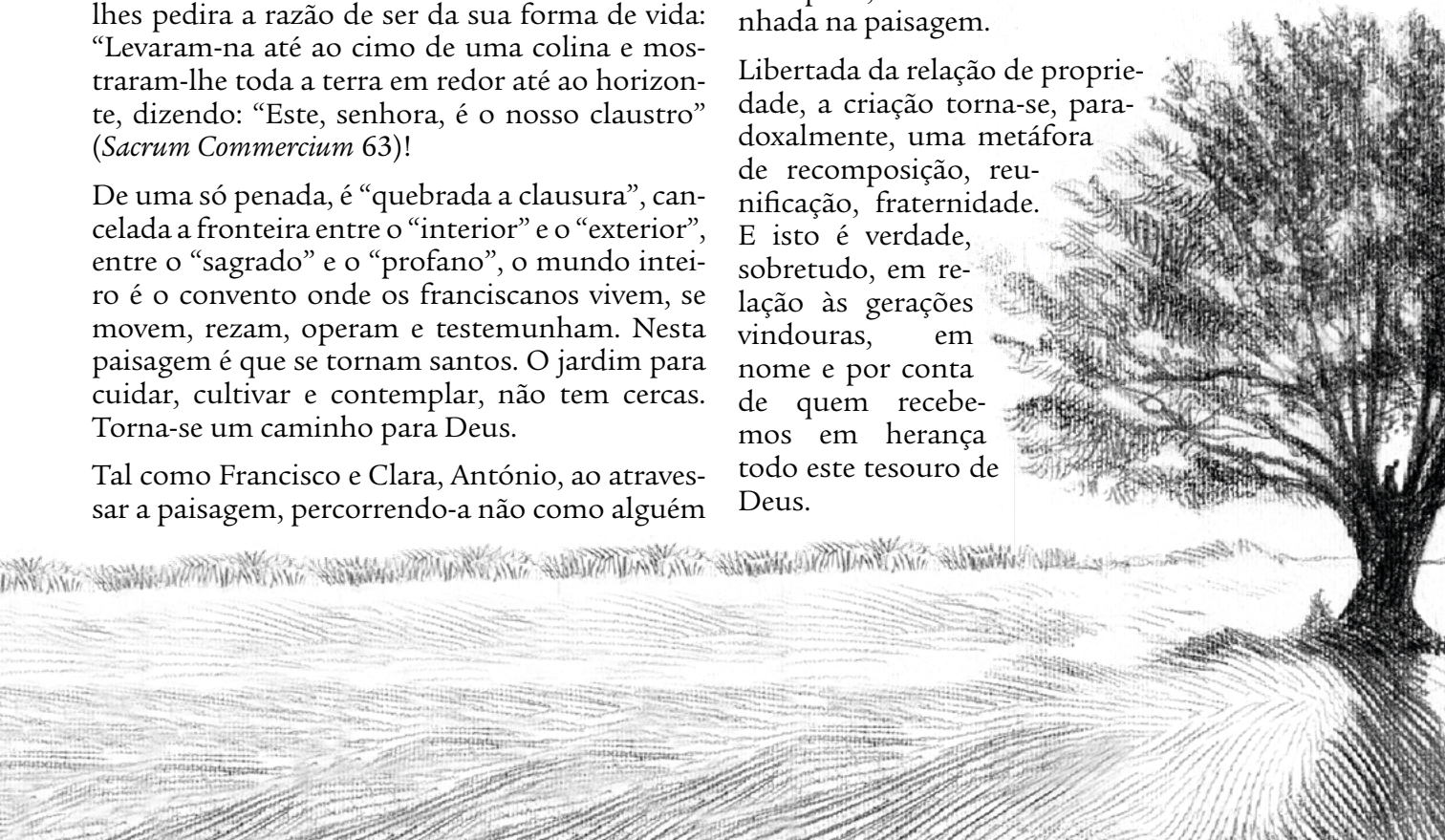
Mais, esta foi a resposta que São Francisco e os seus companheiros deram à Dona Pobreza, que lhes pedira a razão de ser da sua forma de vida: “Levaram-na até ao cimo de uma colina e mostraram-lhe toda a terra em redor até ao horizonte, dizendo: “Este, senhora, é o nosso claustro” (*Sacrum Commmercium* 63)!

De uma só penada, é “quebrada a clausura”, cancelada a fronteira entre o “interior” e o “exterior”, entre o “sagrado” e o “profano”, o mundo inteiro é o convento onde os franciscanos vivem, se movem, rezam, operam e testemunham. Nesta paisagem é que se tornam santos. O jardim para cuidar, cultivar e contemplar, não tem cercas. Torna-se um caminho para Deus.

Tal como Francisco e Clara, António, ao atravessar a paisagem, percorrendo-a não como alguém

que tem algo para conquistar e derrubar, mas como um convidado a quem é oferecido um presente, pode fazer esta experiência precisamente porque não se apodera dela, não reivindica: “É minha!”. Pode, por isso, contemplá-la com admiração, ver “mais além”, apreciá-la e cantá-la porque é uma dádiva. Não está obcecado com custos e proveitos. Não precisa de se perguntar ansiosamente como extrairá o máximo proveito deste campo? Quanto poderá ganhar com esta árvore? A quem pertencerá esta ribeira? O que poderei fazer com esta colina? Quem é que se importará se atirar umas latas para o meio das ervas? Que importa se eu desperdiço ou sujo a água? Pelo contrário, o olhar de António, límpido e puro, revela-lhe a textura divina enraizada na paisagem.

Libertada da relação de propriedade, a criação torna-se, paradoxalmente, uma metáfora de recomposição, reunificação, fraternidade. E isto é verdade, sobretudo, em relação às gerações vindouras, em nome e por conta de quem recebemos em herança todo este tesouro de Deus.



O seu olhar límpido e puro revela o entrelaçado divino entranhado na paisagem

Dentro desta paisagem, assim percebida e vivida, cada ser, na sua singularidade (Gen 1,11.12.20), de acordo com a sua própria espécie, pode encontrar-se com todos os outros, ser “hóspede” e, porque é acolhido, pode acolher. Tal atitude permite reconhecer cada coisa e cada criatura na sua própria existência, vislumbrando a sua origem divina, chamando tudo irmão e irmã, respeitando e acolhendo o seu “ser” antes do seu “ser útil”.

A abordagem de louvor e de admiração, de reconhecimento e de gratidão, é, por isso, o primeiro “gesto” ecológico antoniano: “O mundo é algo mais do que um problema para resolver, é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor”, escreve o Papa Francisco na *Laudato si'* (n. 12). Daqui deriva lógica e necessariamente o maior respeito e o cuidado responsável.

Desta forma, António pode fazer uma experiência meditativa, mas ao mesmo tempo ardente e concreta, a partir da fisionomia específica dos lugares, da unicidade e singularidade das flores, das plantas e dos animais. Tudo se ordena de forma adequada para experimentar, aqui e agora, o Reino de Deus, qual pérola preciosa escondida no âmago de cada ser. Até numa noqueira, entre cujos ramos acolhedores e robustos António construirá a sua própria cela, em Camposampiero, nos últimos dias da sua vida. Ou na variedade de animais e na miríade de flores que António tão sabiamente utilizou para explicar a Palavra de Deus ao longo dos seus Sermões. Ou no lírio teimosamente colocado nas

suas mãos, em estátuas e pinturas.

Terá, certamente, um significado

espiritual,
mas não deixa de ser,
simplesmente, uma
flor bonita e perfumada. ■



Orações

a

Santo António



Peço-te, querido Santo António, que intercedas por mim a Deus, para que eu consiga arranjar trabalho na minha área de formação. Só Deus sabe a minha angústia e frustração com a quantidade de “Não” que recebi. Vou agora para Abrantes durante 3 meses à experiência num laboratório. Ajuda-me a conseguir o contrato de um ano a *full time*. Ajuda-me a encontrar pessoas boas pelo caminho. Ajuda-me a encontrar o meu lugar no mundo. Maria Madalena

Da cruz à Ressurreição

*Para nossa salvação,
O nosso redentor Jesus,
Com amor e resignação,
Depois da condenação!...
Na penosa caminhada,
Humilhado, maltratado,
Caiu três vezes na estrada,
Mas sofreu tudo calado!...
Como cordeiro imolado,
E, apesar de inocente,
Consideram-nO culpado,
trataram-nO rudemente!...
Porém, ao terceiro dia,
Pelas mulheres procurado,
Foi cumprida a profecia:
Jesus não foi encontrado!
Cristo ressuscitou glorioso:
A humanidade foi redimida
porque o cordeiro, vitorioso
Deu por todos nós a sua vida!...
O mundo exulta de alegria...
Aleluia!*

Maria José

Glorioso Santo António, não consigo viver com alguém tão diferente do que era e tão mau e rebelde que se tornou para mim. Parece que tem uma força maligna dentro dele! Por vezes até tenho medo... querido Santo António ajudai-me, pois preciso muito da vossa grande ajuda! Que Deus seja louvado. Maria da Fé

Querido Santo António, confio na tua intercessão pela doença da minha mulher. Peço pela conversão de todos os pecadores, a começar por mim, minha mulher, meus filhos e netos.

Querido Santo António, pede ao Senhor que cure o meu marido do tumor que tem no fígado, ou que não se desenvolva. Obrigada, sou desta freguesia.

Querido Santo António, queria pedir-te a conversão de toda a minha família, pelos jovens e famílias de todo o mundo. Também te quero pedir pelo Papa e cristãos perseguidos. Pelas almas do purgatório, pelo meu pai e família. Maria Teresa

Querido Santo António, quero agradecer a tua intercessão junto de Jesus, junto de Deus, do Espírito Santo e de Maria, nossa mãe. A graça de comprar uma casa para viver com as minhas filhas foi atendida. Sem a ajuda do “céu”, não teria sido possível. Muito obrigada!

Querido Santo António, do meu coração te peço que me ajudes a ter força para suportar a minha doença. Eu te peço saúde para todo o mundo. Ajuda-me a ter cada vez mais fé em Deus. Não te esqueças de mim e dos meus familiares. Maria Celeste

Santo António dá as melhoras ao meu querido pai que está doente num lar em Leiria!

Santo António, amo-te muito. Obrigada por tudo o que já fizeste por mim e pela minha filha. Peço-te que continues a ajudá-la a encontrar a paz interior e a felicidade. Ajuda-a a construir uma nova vida feliz e protege os meus netos. Peço-te também pela saúde do meu marido. Muito obrigada!

Meu querido Santo António, peço com todo o meu fervor, que sejas o mediador entre o Menino Jesus e Nossa Senhora de Fátima, para que a minha irmã volte a falar depois do muito que ultimamente tem padecido. Se for da vontade de Deus, tudo será resolvido! Santo António, faz-me este milagre. Muito obrigada!

Avós recorro, meu querido Santo António que livraste teu pai da força, livrai-nos também desta pandemia, abençoi a minha filha e ajudai-a a encontrar o caminho de Cristo Só Ele nos pode ajudar! ■

A Revolução do arado

A Caritas Antoniana e outras associações, através de um donativo de 20.000 euros, possibilitaram a compra de 800 arados, entregues aos agricultores do Chade num projeto de Segurança Alimentar liderado pelo Pe. Franco Martellozzo.

O Chade é um vasto país atravessado pelo Sahel, uma das áreas mais secas do mundo; o deserto do Saara, que fica situado a norte, avançou 200 quilômetros em dez anos, causando fomes recorrentes. As chuvas são cada vez mais escassas, devido às mudanças climáticas, e a agricultura, principal fonte de subsistência, está na ruína.

A situação política também é difícil: uma longa guerra civil, muitos anos de guerrilhas e golpes de estado que levaram Idriss Déby e os militares ao poder, adiando o sonho da democracia. O resultado é a pobreza da população, o analfabetismo, a marginalização das mulheres e o acesso quase inexistente aos cuidados de saúde. 127 crianças em cada mil morrem nos primeiros anos de vida e a esperança média de vida ronda os 50 anos.

Franco Martellozzo, padre jesuíta, em 1994, começou a trabalhar no Vicariado apostólico de Mongo, capital da região de Guerà, no centro-leste do país. Antes disso, trabalhava no sul do país numa área com forte presença cristã, enquanto agora se encontra numa região onde 97% da população

professa o islão, as igrejas são queimadas e há ódio religioso.

Com paciência, foi ao encontro dos líderes islâmicos e tentou uni-los à volta de um problema comum: como conseguir segurança alimentar numa terra de fome, escapando aos usurários que por um saco de milho, em tempos de vacas magras, pedem cinco sacos de milho depois da colheita, uma prática que reduz os agricultores a escravos. De comum acordo com as lideranças comunitárias, criou o Banco de Cereais, que hoje está presente em todas as aldeias. O Banco pede apenas 10% de grãos a mais em troca de um saco de milho. É uma ideia fantástica que, ao salvar os agricultores da extorsão, também promove a paz entre as várias religiões. “Não, o padre não vem para nos converter”.

Neste caminho desafiante e difícil, o Padre Franco é auxiliado por duas associações da região de Pádua, Itália, a Fraternidade Missionária de Cadoneghe e a Mano Amica di Camposampiero. Foram estas duas associações que pediram ajuda à Caritas Antoniana.



Frei José Carlos Matias

E chegamos, finalmente, aos arados, semelhantes aos dos nossos avós, na primeira metade do século passado. Na verdade, tudo é fruto de uma excelente iniciativa, mas só “no papel”, do governo do Chade, que colocou 500 arados mecanizados à disposição dos pequenos agricultores. O problema é que estes avariavam ou ficam sem combustível ou, pior ainda, quando lavram muito profundo danificam o solo. Para piorar a situação, nos últimos anos, a Boko Haram, uma das mais cruéis organizações terroristas de origem islâmica, instalou-se nas ilhas e nas margens do Lago Chade, aumentando os conflitos sociais em todo o País.

Para combater o *cocktail* explosivo de fanatismo, pobreza e intervenções estrangeiras interesseiras, a Igreja de Mongo criou uma série de atividades para ajudar as pessoas a resolverem em conjunto os seus problemas, superando as diferenças religiosas e étnicas. O projeto insere-se neste quadro e torna-se uma importante peça no mosaico da paz. Os arados coloridos da foto, são armas contra a pobreza e o conflito. São sementes de liberdade espalhadas na boa terra. ■



Frei Valentim Strappazzon

Amendoeira em flor. Foto de Anna Anichkova, março 2011 | Wikimedia Commons.

A flor da nossa Ressurreição

A PALAVRA DE DEUS

Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para irem embalsamar Jesus. E, no primeiro dia da semana, partindo muito cedo, chegaram ao sepulcro ao nascer do sol.

Diziam entre si:

“Quem nos há de rolar a pedra da entrada do sepulcro?”

Mas, ao levantar os olhos, viram que a pedra já tinha sido rolada; e era muito grande.

Ao entrarem no sepulcro, viram um jovem sentado no lado direito, revestido com uma longa veste branca, e ficaram apavoradas. Mas ele disse-lhes: “Não fiquéis apavoradas! Procurais Jesus de Nazaré, o crucificado? Ressuscitou, não está aqui. Vede o lugar onde o tinham posto. Mas ide, dissei aos seus discípulos e a Pedro: Ele vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis, tal como Ele vos disse”.

Mc 16, 1-8

A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

“A amendoeira florescerá, o gafanhoto engordará...” (Ecl 12, 5).

Por amendoeira entendemos a esmola; por gafanhoto, a consolação do pobre.

A amendoeira é o pedir esmola.

Mas não é sem dor que referimos atitudes dos grandes deste mundo. Fazem esperar muito tempo, à sua porta, os pobres de Cristo...

Por fim, depois de bem saciados e talvez inebriados, mandam-lhes dar alguns restos da sua mesa e as lavaduras da cozinha...

Diz o profeta Naum que “os gafanhotos pousam nas sebes em dia de frio” (Na 3,17).

Assim os pobres, no frio da pobreza que os aperta, pousam, à letra, ao longo das sebes, pedindo esmola aos transeuntes, lançados fora pelos homens como se fossem leprosos.

Ou então, as sebes, em que há paus aguçados e picos, manifestam as picadas, as dores e as enfermidades dos pobres. Eis quão grande é a sua aflição! Por isso, precisam de consolação.

O Senhor está à porta, na pessoa dos seus pobres, e bate. Abre-se-lhe quando se dá de comer ao pobre.

A refeição do pobre é o descanso de Cristo: “O que fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos”... (Mt 25,40).

Sermão da Ressurreição do Senhor

APROFUNDAMOS

É maravilhoso como Santo António, no sermão da Páscoa, conseguiu associar a flor da amendoeira à caridade para com os pobres. Os pobres, para ele, não são os pedintes que nos incomodam nas ruas, mas os pobres de Cristo, os amigos d'Aquele que se empobreceu de bens materiais para nos enriquecer com as suas riquezas espirituais. E o Santo sabe descrever as misérias dos pobres e os sentimentos que devem suscitar em nós: estão apertados, pressionados, pela fome, pelo frio, marginalizados como os leprosos, e ele lança o seu grito: “Quão grande é o seu sofrimento! ... Quão impiedosos e duros de coração são os ricos e todos aqueles que fogem deles!”.

Esta chamada de atenção, por ocasião desta Páscoa vivida na pandemia, é, não só oportuna, mas urgente. A pobreza aumenta. Os mais pobres não fazem barulho, não têm voz nem meios para organizar manifestações. Cabe-nos a nós encontrá-los, como fizeram e continuam a fazer os cristãos sensíveis às palavras de Jesus: dai esmola, mas sem pompa; curai os enfermos, mas sem tocar a trombeta. O amor não faz barulho; mas tem uma força que pode mobilizar o mundo. O seu valor é todo interior, respeitoso, discreto, como tudo o que sai dum coração sincero.

Não admira, pois, que seja a estes que o Senhor dirá no dia da ressurreição universal: “Vinde, benditos do meu Pai” (Mt 25,34). ■



Os imigrantes são uma bênção

Os nossos esforços a favor das pessoas migrantes que chegam podem resumir-se em quatro verbos: acolher, proteger, promover, integrar (FT 129).

A chegada de pessoas diferentes, que provêm dum contexto vital e cultural distinto, transforma-se num dom, porque as histórias dos migrantes são histórias também de encontro entre pessoas e culturas... Se forem ajudados a integrar-se, os migrantes são uma bênção, uma riqueza e um novo dom, que convida a sociedade a crescer (FT 133, 135).

Tal como não há diálogo com o outro sem identidade pessoal, assim também não há abertura entre povos senão a partir do amor à terra, ao povo, aos próprios traços culturais... O próprio bem do mundo requer que cada um proteja e ame a sua própria terra; caso contrário, as consequências do desastre de um país repercutir-se-ão em todo o Planeta (FT 143).

A sociedade mundial não é o resultado da soma dos vários países, mas sim a própria comunidade que existe entre eles, a mútua inclusão que precede o aparecimento de todo o grupo particular (FT 149).



Raízes - 23 de Julho 2018 - Parque das Nações; Mar - 15 de Novembro 2011 - Ericeira Escadaria - 11 de Outubro 2020 - Damasceno Monteiro. Fotos de Clívio de Carvalho

“Evocamos com estas imagens o caminho, tantas vezes transformado em travessia difícil, que muitos têm de percorrer para dar uma nova oportunidade à vida. Quando acolhidos, integrados, protegidos e promovidos, as pessoas migrantes podem ser ‘redescobertas’ como um dom que ajuda a compreender que a aventura desta única humanidade que formamos só é verdadeiramente possível a partir de uma pluralidade de raízes”. *Juan Ambrosio*